

FAMÍLIAS NEGRAS LGBTI+ PENTECOSTAIS E AFETO DE RESISTÊNCIA**BLACK LGBTI+ PENTECOSTAL FAMILIES AND AFFECT OF RESISTANCE****FAMILIAS PENTECOSTALES NEGRAS LGBTI+ Y EL EFECTO DE LA RESISTENCIA**

<https://doi.org/10.56238/ERR01v10n4-005>

Átila Augusto dos Santos

Doutorando em Ciência da Religião

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

E-mail: atilasantosadv@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6149596350878500>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9245-4437>

RESUMO

Este texto apresenta parte de resultados de uma pesquisa em andamento de doutorado em Ciência da Religião sobre famílias negras LGBTI+ pentecostais no Brasil, aqui denominadas famílias aquilombadas, como expressões ético-afetivas de resistência no campo religioso. Com abordagem interseccional e decolonial, utiliza a metáfora do quilombo pentecostal para compreender igrejas inclusivas como territórios de afeto, liberdade e reconstrução de vínculos. Baseado em entrevistas com pessoas e famílias negras LGBTI+ de três igrejas, o estudo identifica que essas famílias tensionam normativas cristãs e criam novas formas de espiritualidade contra-hegemônica, que revelam panoramicamente tanto o potencial de reconstrução afetiva e política quanto os limites da inclusão quando não há ruptura com hierarquias raciais, morais e de gênero.

Palavras-chave: Igreja Inclusiva Pentecostal. Interseccionalidade. Famílias Negras LGBTI+. Decolonialidade. Quilombo.

ABSTRACT

This text presents some of the results of ongoing doctoral research in Religious Studies on Black LGBTI+ Pentecostal families in Brazil, herein referred to as quilombo families, as ethical-affective expressions of resistance in the religious field. With an intersectional and decolonial approach, it uses the metaphor of the Pentecostal quilombo to understand inclusive churches as territories of affection, freedom, and the rebuilding of bonds. Based on interviews with Black LGBTI+ individuals and families from three churches, the study identifies that these families challenge Christian norms and create new forms of counter-hegemonic spirituality, which panoramically reveal both the potential for affective and political reconstruction and the limits of inclusion when there is no rupture with racial, moral, and gender hierarchies.

Keywords: Inclusive Pentecostal Church. Intersectionality. Black LGBTI+ Families. Decoloniality. Quilombo.

RESUMEN

Este texto presenta algunos de los resultados de una investigación doctoral en curso en Estudios Religiosos sobre las familias pentecostales negras LGBTI+ en Brasil, en adelante denominadas familias quilombolas, como expresiones ético-afectivas de resistencia en el ámbito religioso. Con un enfoque interseccional y decolonial, utiliza la metáfora del quilombo pentecostal para comprender las iglesias inclusivas como territorios de afecto, libertad y reconstrucción de vínculos. A partir de entrevistas con personas y familias negras LGBTI+ de tres iglesias, el estudio identifica que estas familias desafían las normas cristianas y crean nuevas formas de espiritualidad contrahegemónica, que revelan panorámicamente tanto el potencial de reconstrucción afectiva y política como los límites de la inclusión cuando no se rompen las jerarquías raciales, morales y de género.

Palabras clave: Iglesia Pentecostal Inclusiva. Interseccionalidad. Familias Negras LGBTI+. Decolonialidad. Quilombo.

1 PERSPECTIVA SITUADA

Sou filho de um vigilante noturno e de uma ex-auxiliar de enfermagem — hoje bacharel em Direito, assembleiana e dirigente de círculo de oração. A casa onde cresci sempre esteve atravessada por orações, cânticos e disciplina religiosa, mas também pelas marcas do trabalho extenuante, da luta por sobrevivência e da resistência silenciosa das famílias negras da periferia urbana de São Paulo. Hoje, sou casado com outro homem e pai de um menino de quatro anos. Carrego na vida cotidiana a experiência de ser parte de uma família negra, pentecostal e dissidente, que existe em confronto direto com o modelo de família idealizado pelo pentecostalismo hegemônico, monogâmico, cisgênero, heteronormativo, branco e patriarcal.

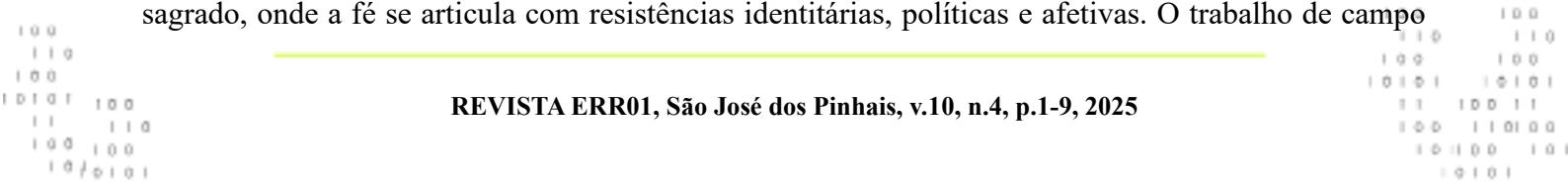
Falo a partir de um corpo situado, negro, pentecostal, LGBTI+, pastor e pesquisador que se move entre o lar e o púlpito, entre a cozinha onde se prepara o café do culto doméstico e a mesa de estudos onde se escreve uma tese. Esse corpo não dissocia espiritualidade e política, afeto e teologia, experiência pessoal e produção acadêmica. Meu lugar de fala é, portanto, ao mesmo tempo biográfico e epistemológico (RIBEIRO, 2017), mas também coletivo, pois enraíza-se nas vivências partilhadas por famílias negras dissidentes, que constroem lares onde fé e afeto se entrelaçam, desafiando normativas religiosas e raciais.

Este texto, mesmo que ensaístico é também um gesto de restituição e preservação desses saberes, afirmindo que narrar e analisar a experiência de famílias negras LGBTI+ pentecostais é um ato de resistência intelectual e espiritual. O estudo sobre famílias negras pentecostais dissidentes é também a leitura da minha própria experiência de família. Ao falar dessas famílias, falo também de mim; e ao narrar minha experiência, inscrevo a história coletiva delas.

2 INTERSECCIONALIDADE, DECOLONIALIDADE E RESISTÊNCIA

Minha hipótese é clara, as famílias negras pentecostais dissidentes, aquelas que se organizam fora da lógica heterocisnormativa e da branquitude eclesial, não apenas tensionam e desestabilizam as normativas cristãs tradicionais, mas também performam novas formas de espiritualidade contra-hegemônica. Essa espiritualidade se inspira nos fazeres e saberes dos quilombos históricos como territórios simbólicos e concretos de afeto, fé e liberdade negra, operando simultaneamente como refúgio e como base de ação política e comunitária.

A pesquisa ancora-se em uma abordagem interseccional (Crenshaw, 2002; Collins, 2019) e decolonial (Quijano, 2005; Mignolo, 2007), incorporando a metáfora do quilombo pentecostal, inspirada nas reflexões de Beatriz Nascimento (1985) e Abdias do Nascimento (2016), como chave interpretativa. Compreende as igrejas inclusivas como espaços urbanos de refúgio e recriação do sagrado, onde a fé se articula com resistências identitárias, políticas e afetivas. O trabalho de campo



foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com 33 pessoas negras LGBTI+ pentecostais, distribuídas em quatro grupos: 12 mulheres lésbicas, 8 homens gays e bissexuais, 4 famílias LGBTI+ e 5 pessoas trans.

A coleta de dados apoiou-se na escuta ética (ROLNIK, 2019), na observação participante e na análise interseccional, orientada por duas perguntas transversais: Por que permanecer em uma igreja inclusiva de tradição pentecostal? e O que dói mais: ser negro ou ser LGBTI+?

Aqui, a opção metodológica pela escuta ética não é apenas um recurso técnico, mas um posicionamento político e epistemológico. Diferente de abordagens que buscam neutralidade ou distanciamento, a escuta ética implica reconhecer os corpos e as narrativas como lugares legítimos de produção de conhecimento, evitando a captura das falas em categorias previamente dadas. Como sublinha Rolnik (2019), trata-se de uma escuta capaz de acolher afetos, silêncios e contradições, operando como um gesto de cuidado e resistência. Nesse sentido, entrevistar famílias negras LGBTI+ pentecostais não foi apenas recolher dados, mas instaurar um espaço de reconhecimento mútuo e produção coletiva de saberes, em consonância com o compromisso ético-político que estrutura esta pesquisa.

3 FAMÍLIAS NEGRAS LGBTI+ COMO SUBVERSÃO ESPIRITUAL

O modelo de família idealizado pelo pentecostalismo tradicional atua como dispositivo de poder racial, moral e teológico. Opera no campo simbólico, por meio da pregação e da teologia moralizante, e no campo prático, pela imposição de normas de conduta que marginalizam corpos e afetos dissidentes (BUTLER, 2015).

Em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* Judith Butler argumenta que o gênero é uma construção performativa, sustentada por atos repetidos que produzem a ilusão de estabilidade identitária. Como afirma:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. (Butler, 2003, p. 242-243)

Ao desafiarem esse enquadramento normativo, as famílias negras LGBTI+ pentecostais inscrevem-se como práticas vivas de subversão espiritual e afetiva. Seus lares tornam-se territórios onde a fé e o cuidado se entrelaçam, produzindo modos de vida que resistem tanto ao controle moral das igrejas tradicionais quanto aos marcadores coloniais da vida íntima. Nesse sentido, o lar se converte em quilombo, refúgio de liberdade e criação coletiva, onde corpos dissidentes reescrevem o

sentido de família, rompendo o silenciamento histórico e afirmando o direito de existir plenamente (Santos; Correa, 2023).

4 FAMÍLIAS A PARTIR DAS MARGENS: ONDE A RELIGIÃO MATA, AS FAMÍLIAS RESSUSCITAM¹

Essas famílias, porém, rompem com tal lógica ao performarem um evangelho vivido que prioriza o acolhimento em vez da exclusão, deslocando as fronteiras do que é reconhecido como “família” no espaço religioso. Com isso, afirmam e legitimam diferentes arranjos familiares, como casais homoafetivos, famílias monoparentais e outras configurações, propondo um novo paradigma teológico e comunitário, no qual a unidade familiar não se define pela conformidade a um modelo único, mas sim pelos vínculos de afeto, compromisso e respeito mútuo. A defesa da pluralidade familiar nas igrejas inclusivas não se limita a uma afirmação retórica, ela também dialoga com a ampliação dos direitos civis e se alinha a pautas como o casamento igualitário, a adoção por casais homoafetivos e outras políticas de reconhecimento das novas configurações familiares (Santos; Correa, 2023).

No campo religioso, essas experiências tensionam os discursos dominantes que, pensando os ensinamentos de Butler (2003), naturalizam identidades e modelos familiares por meio da repetição normativa, marginalizando tudo o que foge ao padrão heteronormativo. Ao contrário dessa lógica, as famílias negras pentecostais LGBTI+ encarnam uma espiritualidade evangélica que acolhe e amplia o campo do possível, como enfatiza Patricia Hill Collins (2019), práticas afetivas e espirituais de cuidado, especialmente quando protagonizadas por mulheres e homens negros acabam por produzir contranarrativas capazes de resistir ao racismo, ao sexismo e à LGBTI+fobia, criando “redes de sobrevivência” que sustentam a vida.

Nesse horizonte, o lar se torna um quilombo, compreendido, no sentido proposto por Beatriz Nascimento (2006), como território político e espiritual de reinvenção coletiva. Em outras palavras, no Brasil, cada vez que uma pessoa negra chega com suas demandas, sua memória e sua força, ela está aquilombando — recriando espaços de pertencimento, cuidado e resistência, onde a vida insiste em florescer apesar das violências históricas. É nesse mesmo contexto que se inscreve a história de Sekou e Ayodele, pais negros e gays de Kofi e Kojo, que, ao adotarem dois filhos gêmeos negros, afirmam a centralidade da justiça afetiva e da espiritualidade no projeto familiar. A chegada das crianças provocou uma inflexão profunda na vida espiritual e eclesial da família. Ayodele recorda:

Eu não quero trazer os meus filhos pra cá. Eu não quero criar os meus filhos lá, na Contemporânea, porque vai ser do mesmo jeito que eu cresci quando era criança. Eu não quero

¹ O título desta seção não se refere a todas as expressões religiosas, mas especificamente aos usos excludentes e moralizantes de grande parte do cristianismo hegemônico, que negam humanidade e direitos a corpos e afetos dissidentes.

isso pros meus filhos. Eu quero um lugar onde tenha um monte de criança'. [...] Pra mim era um lugar de muita opressão. Pra mim, já não fazia mais sentido estar ali. E aí eu encontrei a Bethesda, e eu queria que os meus filhos tivessem uma revelação onde, a partir do Espírito Santo, fosse uma ideia de partilhar (Ayodele, entrevista pessoal, mar. 2025)

O testemunho de Ayodele revela como a busca por uma comunidade menos opressiva está enraizada em uma memória de dor e exclusão, mas também em uma visão de futuro que articula fé e liberdade. Essa transição não é apenas individual: ela repercute no modo como a comunidade acolhe outras famílias e reorganiza suas práticas de culto e socialização infantil. De modo semelhante, Makena e Mirembe, casal de mulheres negras, vivenciaram no primeiro culto presencial em uma igreja inclusiva um marco de liberdade espiritual. Makena narra:

Mas foi no primeiro culto presencial que esse medo começou a ceder lugar à liberdade... ele foi um marco: 'Eu estava extasiada porque eu estava no culto do lado da minha esposa e tinha muitas pessoas ...Acabou o culto, nós fomos embora, mas eu lembro que eu já acompanhava elas pelas redes sociais. Elas me acompanhavam também. E quando ela me viu entrar na igreja, ela cutucou a Lana. Eram poucos membros aquele dia. E aí nós viemos embora... extasiada. Mas, tipo assim, eu tava vendo na minha frente a minha diva. O nosso filho estava com cinco aninhos. Ele nasceu em 2007 (Makena, entrevista pessoal, nov. 2024)

A experiência de Makena evidencia como o culto se converte em espaço de reconhecimento, onde a performatividade de gênero e afeto não é reprimida, mas celebrada. A cena de se “derramar” no louvor carrega camadas de significado: é ao mesmo tempo um gesto litúrgico e um ato político de afirmação identitária, que rompe com o imaginário de incompatibilidade entre pentecostalismo e homoafetividade negra. Também Zola e Thandiwe, mães de Nuru, descrevem o filho como resposta de Deus:

Ele é um presente de Deus. A gente orava muito pra saber se era esse o caminho, se era isso que a gente devia fazer. Quando ele chegou, parece que tudo fez sentido. A casa ficou mais cheia, o coração também. É um desafio enorme, mas a fé dá força pra gente seguir, mesmo quando o mundo tenta dizer que não somos uma família de verdade(Thandiwe, entrevista pessoal, jan. 2025)

E, na pedagogia do cotidiano, reafirmam para o filho que o amor e a fé não têm configuração única:

Você hoje tem duas mamães. Mas o seu amiguinho da igreja tem dois papais e tá tudo bem... Cada família tem um jeito especial, mas não falta amor em nenhuma delas. A gente ensina ele a orar, a cuidar, a respeitar, a ser forte e doce ao mesmo tempo. Isso também é evangelho. É sobre acolher, não excluir(Thandiwe, entrevista pessoal, jan. 2025)

Essas narrativas mostram que a família negra pentecostal dissidente não ocupa apenas as margens do campo religioso, ou seja, ela o reconfigura por dentro e ressignificam como num quilombo.

Por isso o conceito de quilombo pentecostal é aqui utilizado como lente analítica e epistêmica para compreender famílias que, mesmo inseridas em igrejas inclusivas, negociam continuamente sua sobrevivência, seus afetos e suas formas de expressão da fé, onde espiritualidade, corporeidade e território se entrelaçam.

Logo, a família negra pentecostal dissidente não é um erro na matriz cristã, mas uma possibilidade concreta de reencarnar o evangelho como boa notícia para quem sofre. Resistindo com joelhos no chão, filhos nos braços e memória ancestral no coração, ensinam que espiritualidade é criar, cuidar, cozinar, cantar e sobreviver sem silenciar. Onde a religião mata, essas famílias ressuscitam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As famílias negras LGBTI+ pentecostais, aqui compreendidas como famílias aquilombadas, emergem como núcleos insurgentes dentro das igrejas inclusivas, articulando fé, afeto e resistência. Inspiradas nos fazeres e saberes dos quilombos históricos, elas não apenas desafiam as normativas cristãs tradicionais moldadas pela heterocisnormatividade e pela branquitude eclesial, mas também criam novas formas de espiritualidade contra-hegemônica.

Suas práticas revelam que a inclusão real exige mais que abertura institucional: demanda a ruptura com hierarquias raciais, morais e de gênero que ainda estruturam o campo religioso. Ao transformar o lar e a comunidade de fé em territórios de liberdade, cuidado e reinvenção, essas famílias produzem contranarrativas que rompem silenciamentos históricos e reconfiguram o sentido de “família” no imaginário Pentecostal.

Essas experiências familiares, entretanto, não acontecem em um vácuo. Elas se constroem em meio a um cenário político marcado pela ascensão de discursos conservadores e pela ofensiva antigênero, frequentemente legitimada por setores religiosos organizados. Ao mesmo tempo em que projetos políticos tentam restringir direitos civis e impor um modelo único de família, essas famílias negras LGBTI+ pentecostais confrontam esse horizonte excludente com sua própria existência. Sua presença no espaço eclesial e público tensiona narrativas que buscam silenciar corpos dissidentes, reafirmando a legitimidade de outros arranjos familiares e espirituais.

Nesse sentido, ao afirmarem o lar como quilombo e a espiritualidade como resistência, essas famílias revelam que sua luta não é apenas eclesial, mas também profundamente política. Elas se posicionam contra o racismo religioso, a LGBTI+fobia e as tentativas de reatualização das hierarquias coloniais de gênero, raça e sexualidade no Brasil contemporâneo. O conceito de quilombo pentecostal, portanto, evidencia-se como chave analítica e política para compreender tais experiências, pois ilumina a dimensão comunitária, espiritual e de enfrentamento ao poder que estrutura suas práticas.

Mais do que resistir, essas famílias florescem, testemunhando que a fé pode ser profundamente cristã sem ser colonial, patriarcal ou excludente, e que o evangelho pode reencontrar sua vocação original como boa notícia para quem sofre.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. Tradução: Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- MIGNOLO, Walter. *A ideia de América Latina*. Tradução: Eliana Aguiar. Malden: Blackwell, 2007.
- NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex (org.). *Eu sou atlântica*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006. p. 103-109.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.setembro 2005. pp.227-278.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- SANTOS, Átila Augusto dos; CORREA, Marina Santos. Montanhas em disputa: igrejas inclusivas e a contestação à teologia do domínio. In: COSTA, Moab César C. (org.). *História & diálogos: as múltiplas dimensões do sagrado*. [S. l.]: Pluralidades; NEIHR, 2023. p. 63–93.

